



# **GUIA DE LINGUAGEM NÃO BINÁRIA**

PROPOSTA GALEGA CONFLUENTE  
COM O PORTUGUÊS NO MUNDO

DANIEL AMARELO  
NEE BARROS  
ALVA LOURENÇO

**ATRÁS**  
editora



GUIA DE LINGUAGEM NÃO BINÁRIA  
PROPOSTA GALEGA CONFLUENTE COM O PORTUGUÊS NO MUNDO

1ª edição, fevereiro 2026

© AGAL

© Daniel Amarelo, Nee Barros, Alva Lourenço

© da ilustração de capa, Xoana Pousa

Associação Galega da Língua  
Santiago de Compostela (Galiza)  
atraves@a.gal  
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-10491-10-6

DL: C 166-2026

Ilustração de capa: Xoana Pousa, @cuchiflainas

Coordenação editorial: Noélia Toja e José João R. Rodrigues

Revisão textual: Noélia Toja

Diagramação e capa: Miguel Durão

Impresso na Galiza: Sacauntos Cooperativa Gráfica

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

# ÍNDICE

## QUESTÕES PRELIMINARES | 11

### 1. Definições básicas | 13

- 1.1. O que é o sexo? | 15
- 1.2. O que é o género? | 17
- 1.3. O que é o género não binário? | 20
- 1.4. O que é a linguagem não binária? | 22
- 1.5. É o mesmo que linguagem neutra, inclusiva ou não-sexista? | 24
- 1.6. Porque é importante a linguagem não binária? | 25

### 2. História e desenvolvimento da linguagem não binária | 31

- 2.1. Origens | 31
- 2.2. Entrada no universo do espanhol e do português: controvérsias e estabilidades | 36
- 2.3. A Galiza | 42
- 2.4. Outras línguas minorizadas: catalão, basco, bretão | 47
- 2.5. Perspetivas críticas e de futuro | 51

## GUIA DE LINGUAGEM NÃO BINÁRIA | 55

### 1. Introdução | 57

### 2. Os diferentes sistemas | 59

- 2.1. Paradigma pronominal | 66
- 2.2. Substantivos e adjetivos | 83

### **3. Perspetivas críticas e de futuro | 91**

### **4. Aplicação e impacto da linguagem não binária na Galiza | 93**

4.1. Usos não binários em ficções literárias | 93

4.2. Usos não binários na tradução | 105

4.3. Usos não binários na poesia | 109

4.4. Usos não binários no ensaio | 112

4.5. Usos não binários na música | 120

### **5. Conclusões | 123**

Referências bibliográficas | 127

Anexo: chave de respostas | 135

Notas finais | 139

Agradecimentos | 141

A Teresa Moure, quem me ensinou, sem dissimulos,  
a desconfiar das categorias discretas.

(Daniel)

A todes es que não esperamos que um dicionário  
nos dê permissão para existir.

(Nee)

A Enzo, por um futuro melhor sendo sempre dues.

(Alva)

# **QUESTÕES PRELIMINARES**

## 1. DEFINIÇÕES BÁSICAS

Sabemo-lo. Estás farte de ouvir *todes, amigues, elu...* e não entender o que é isso, ou como funciona. Ou se calhar é a primeira vez que o lês. Ou... deixa-me adivinhar: já ouviste falar da linguagem não binária (LNB), mas não sabes como aplicá-la em galego? Não te preocupes! Seja como for, estás com sorte: este livro é para ti!

Nestas páginas vais encontrar um guia para não desesperares e entenderes, de forma fácil, o que é a linguagem não binária, para que serve e como aplicá-la em galego. Queremos fazer um volume introdutório, útil para qualquer pessoa interessada. Não precisas de qualquer conhecimento prévio e prometemos ser tão concises quanto o tema permitir. No entanto, haverá partes um pouquinho mais densas porque, como qualquer outro tema, a LNB tem uma história, um desenvolvimento teórico e até críticas e contracríticas que a fizeram avançar.

Se já sabes algo de linguística, pensamos que este livro também pode ser útil para ti. Mesmo entre o público especializado, não existe demasiado conhecimento sistematizado ou conversa sobre a LNB no nosso idioma. Esta obra, então, é uma pequena introdução útil no momento atual, que recolhe uma proposta em construção. Mas, como já veremos, existem debates possíveis e desejáveis.

Este livro pretende situar-se no conjunto de países onde se fala galego-português, reconhecendo que a língua não se reduz ao padrão lisboeta. De lugares historicamente considerados «periféricos» — como a Galiza, o Brasil, Angola ou Moçambique —, também participamos no desenvolvimento e na atualização de um idioma que é igualmente nosso.

Ademais, queremos que este manual seja útil para qualquer falante de galego da Galiza. Ainda que seja publicado

em galego internacional ou reintegrado, dentro de cada secção incluiremos uma pequena epígrafe explicando como cada proposta poderia ser aplicada no galego ILG-RAG.

Além de debates ortográficos, devemos unir forças para garantirmos que o nosso idioma continue vivo. Como língua minorizada na Galiza, criamos uma possibilidade não binária ajuda a colocarmos o galego na atualidade. Se as pessoas falantes não encontram este tipo de recursos na sua própria língua, se não sentem que a sua fala as representa, não é de admirar que recorram a outra. Um idioma vivo é aquele que evolui, muda e é capaz de gerar novas soluções para as necessidades das pessoas falantes. Há anos, não tínhamos palavras como *micro-ondas* ou *feminicídio*. Com a aparição ou a reivindicação da importância de realidades que pareciam novas, foram necessárias novas soluções para nomeá-las. Como veremos mais adiante, muitas outras línguas como o catalão, o espanhol ou o inglês estão a recuperar ou criar formas que lhes permitem designar outras realidades além do binário de género. Por que deveria o galego ficar para trás?

Indo um passo além: por que deveria o galego depender das opções que outros idiomas propõem? Este guia quer recolher ou conceptualizar uma proposta coerente com a maneira própria de funcionar do galego da Galiza. Para isso, dentro de um enquadramento lusófono, defendemos a necessidade de criar um modelo que se encaixe na nossa fala. As novas incorporações não podem vir sempre do inglês ou do castelhano, porque isso significaria termos uma língua dependente de outras externas, impostas. As formas que nós propomos tentam adequar-se à nossa fonética, aos géneros gramaticais já existentes e à nossa forma própria de construirmos palavras.

Mas vamos aos poucos. Porque, saibas ou não do tema, sempre está bem esclarecer alguns termos antes de falarmos em profundidade. A seguir, trazemos umas definições breves das palavras *sexo*, *género*, *género não binário* e distintas pro-

postas de linguagem — *não binária, neutra, inclusiva e não sexista* — para que todes partamos do mesmo ponto.

### 1.1. O QUE É O SEXO?

Começemos pelo básico: explicarmos o que são e as diferenças entre sexo, género e não binariedade. Muitas vezes perdemos-nos em definições e debates intermináveis. Aqui vamos explicar como usaremos nós estes termos, sabendo que, como para qualquer palavra, os seus significados podem mudar segundo a época, o lugar e o contexto.

De forma simples, usaremos a palavra **sexo** para falar de como é o nosso corpo. É comum definirmos este termo como aquelas diferenças físicas na anatomia reprodutiva e nos cromossomas. Tradicionalmente, dividiu-se em duas categorias: fêmea e macho. Mas essa divisão também é cultural; aprendemos que só existem dous sexos:

- De um lado, as pessoas com vulva, vagina, útero, trompas de Falópio e ovários, que costumam menstruar, desenvolver peitos e ancas, ter predominância de estrogénios e cromossomas XX.
- Do outro, as pessoas com pênis, testículos e próstata, que costumam ter barba, voz mais grave, predominância de testosterona e cromossomas XY.

Só que as cousas não são assim tão simples. Forçar o mundo a caber apenas nessas duas caixas sempre acaba em exclusão. Um exemplo é a intersexualidade: pessoas cujos corpos não se encaixam nesses modelos. Pode ser alguém com vagina e testículos, ou com pênis e peitos desenvolvidos por níveis «atípicos» de estrogénio. Antes usava-se o termo «hermafrodita»,

mas foi abandonado por ser incorreto e ofensivo, pois ninguém nasce com «os dous» aparelhos reprodutores completos.

Além disso, ser intersexual não é assim tão raro. Tu mesmo poderias sê-lo sem saber, já que não conhecemos os nossos cromossomas, a não ser que façamos um exame específico. Muitos descobrem-no na idade adulta, ou nunca chegam a sabê-lo. A intersexualidade é uma variação natural do corpo humano. O problema é que, muitas vezes, bebés intersexuais sofrem cirurgias e tratamentos desnecessários para «corrigir» os seus corpos segundo a ideia social do que deve ser «masculino» ou «feminino».

A própria definição dos «dous corpos típicos» já exclui muita gente. O que acontece com uma pessoa com vulva que deixa de menstruar? Ou que nunca desenvolve tanto peito? E uma pessoa com pênis sem barba, ou com voz aguda? A diversidade natural não cabe em modelos fixos. É como tentar impor limites ao mar: as marés sempre sobem e descem.

E ainda há outro detalhe; estes padrões foram construídos a partir de corpos brancos como modelo. Isto faz com que, em muitas competições desportivas, algumas mulheres racializadas sejam acusadas de terem «testosterona de mais» ou de não serem «femininas o suficiente», sofrendo exames invasivos e discriminação. Ou seja, a própria definição dos sexos está atravessada pelo racismo e colonialismo.

Mas fiquemos com esta ideia: **quando falamos de sexo, referimo-nos à parte biológica, à forma como o nosso corpo é.** Tendo sempre em conta que existem mais de dous tipos de corpo e que a divisão em sexos também tem uma parte cultural.

# **GUIA DE LINGUAGEM NÃO BINÁRIA**

## 1. INTRODUÇÃO

Depois de se tornar evidente a urgência que a comunidade não binária sentia em se ver representada na linguagem do dia a dia — que até então só considerava o masculino e o feminino — começaram a surgir várias propostas gramaticais que tentaram dar resposta a essa necessidade. As ditas propostas, ao mesmo tempo que abriram caminhos para uma linguagem mais inclusiva, originaram um debate sobre as possibilidades da língua enquanto ferramenta de inclusão social e sobre até onde chega a flexibilidade da gramática tradicional. Porém, a LNB não é algo novo; na realidade, existe há muito tempo através da Linguagem Não binária Indireta (LNB-I), que abrange o uso de palavras genéricas e/ou neutras da língua, e a Linguagem Não binária Direta (LNB-D), que se refere, esta última, ao uso explícito de palavras marcadamente não binárias, ainda que não figurem na norma (Ártemis López, 2019), como se observou nos dous capítulos anteriores.

Neste processo de representação linguística encontram-se vários problemas, como o facto de que o galego — como outras línguas — não está desenhado para a incorporação dum terceiro género. Sobre isto, e como comentamos no Capítulo 1 das Questões preliminares, neste guia entendemos que o não binarismo é uma categoria-chapéu que recolhe muitas realidades. As dificuldades para incorporarmos o terceiro género levam a realizar mudanças na estrutura do idioma, as quais geram perguntas a que tentamos dar resposta. Porém, devemos lembrar que o que cá apresentamos não é prescritivo, mas uma proposta mais sujeita, sempre, a futuras modificações. Convidamos o público, assim, a oferecer as suas próprias soluções perante as questões expostas com o fim de edificarmos, entre todes, a LNB.

Neste cenário, é interessante observarmos como diferentes comunidades linguísticas reagiram a essas mudanças, aceitando ou rejeitando certas soluções com base em aspetos linguísticos, culturais ou políticos. Vamos explorar essas respostas, os diferentes sistemas, com algum detalhe para, no fim, nos concentrarmos na proposta de mais impacto no contexto galego-português, o denominado «sistema *elu*». Dentro deste sistema analisaremos, por um lado, os **neopronomes** — aquelas formas pronominais criadas ou adaptadas para além dos pronomes tradicionais e usadas por pessoas que não se identificam com o sistema binário de género ou que preferem uma forma de tratamento que não esteja ligada diretamente ao masculino ou ao feminino — e, por outro, as desinências nominais dos substantivos e adjetivos.

## 2. OS DIFERENTES SISTEMAS

Um **sistema** é um conjunto coerente, completo e internamente consistente de regras gramaticais alternativas, criado para permitir a expressão de género não binário numa língua. Isto significa que um sistema não é apenas um pronome ou um sufixo isolado; é uma microgramática que reorganiza todas as partes da língua que variam em género: neopronomes, neomorfemas e a estabilidade interna do próprio sistema.

A seguir, apresentamos os cinco sistemas pronominais mais destacados da LNB em galego-português, organizados de menor a maior frequência de uso nesta língua e reservando para o final o mais conhecido e do qual desenvolvemos o paradigma completo, o sistema *elu*. Como já foi explicado, o não binarismo não pode ser reduzido a pronomes, posto que é um conjunto de vivências situadas fora das duas caixinhas tradicionais, o que se percebe como masculino e o que se percebe como feminino. Porém, devido à importância que tem para a sociedade ver-se representada na linguagem, resulta essencial oferecer uma solução direta para esta questão.

### **Sistema *el***

Este sistema tem como base o apagamento da vogal que marca o género em todos os neopronomes (*ele / eles, ela / elas* → *el / els*), de maneira que não existe um sinal distintivo. Esta mudança subtil, mas significativa, evita a introdução de elementos não identificados pelo público à estrutura da língua e permite uma adaptação mais intuitiva para falantes habituados ao sistema binário. Ao manter a base morfológica reconhecível, o sistema facilita tanto a compreensão, quanto a adoção no uso

quotidiano, promovendo a inclusão sem exigir uma reformulação radical da gramática.

O problema principal para a normativa ILG-RAG reside na coincidência do neopronome com a forma em masculino tradicional. Isto significa que, caso o presente sistema fosse escolhido como norma, ambos os pronomes são homógrafos e, como tal, deveriam pronunciar-se de maneira diferente para se diferenciarem. A nossa proposta é a seguinte: a vogal do neopronome seria aberta (/ɛ/) e a do masculino, fechada. Importa sublinhar que este sistema não é a opção escolhida pela maioria de pessoas enebê, tendo um uso muito periférico justo pela coincidência dos pronomes.

☞ Exemplos de uso:

- Ela estava orgulhosa do trabalho realizado. → El estava orgulhose do trabalho realizado.
- Eles son moi amigos desde sempre. → Els son moi amigos desde sempre.

### **Sistema *ele***

Tal como indica o *Atlas Lingüístico Galego* (1995: 180), o pronome *ele(s)* já é usado em algumas comarcas das Rias Baixas para se referir especificamente ao masculino da terceira pessoa. Na variedade portuguesa, a forma *ele* cumpre exatamente a mesma função, sendo consolidada como pronome masculino padrão. Isto significa que, quando alguém propõe usar *ele* como neopronome, existe uma coincidência formal com o masculino já existente. Ou seja, a mesma forma passaria a ter dois significados diferentes: um para indicar o masculino e outro para o NB. Essa sobreposição não acontece apenas no singular, mas também se repete no plural (*eles*), aumentando ainda mais o risco de confusão na comunicação. Portanto,

a tentativa de reutilizar o pronome indicado para o género não binário pode dificultar a distinção clara entre ambos os géneros, o que daria lugar a ambiguidades sobre a quem ou a quê se refere a frase. Esse exemplo mostra que certas formas linguísticas já consolidadas têm limitações para serem reaproveitadas, e reforça a importância de procurar outras alternativas que não interfiram com o uso já existente na dialetologia.

☞ Exemplos de uso:

- Ele escreveu uma carta longa à família. → Ele escreveu uma carta longa à família.
- Elas cantaron moi ben no concerto. → Eles cantaron moi ben no concerto.

### **Sistema *eli***

Devido à sua semelhança com o sistema *elu*, que explicaremos com maior detalhe mais adiante, o sistema *eli* não teve uma ampla difusão nem um uso significativo dentro da comunidade enebê. A principal razão para essa implementação limitada reside no facto de que o sistema *elu* obteve um sucesso considerável desde o momento da sua criação devido à adoção da vogal <u> para a formação de pronomes, consolidando-se como uma das propostas mais reconhecidas e utilizadas no âmbito galego-português. Ademais, a semelhança sonora entre *eles*, que pode fechar até ser /i/ na fala (/’elis/) e *elis* (/’elis/) provoca dificuldades de compreensão durante a comunicação oral.

Em consequência, o sistema *eli*, que recorre à vogal <i>, permaneceu em segundo plano, sendo utilizado apenas de forma pontual ou experimental, sem chegar a alcançar uma presença significativa nas práticas linguísticas da comunidade. Esta situação mostra que, quando um modelo se consolida e se torna bem-sucedido, pode dificultar o surgimento e a

aceitação de outros. Mesmo que esses outros tenham objetivos semelhantes, eles podem não alcançar a mesma aceitação social nem a mesma estabilidade no uso.

☞ Exemplos de uso:

- Ele experimentou o vestido antes de o comprar na loja.  
→ Eli experimentou o vestido antes de o comprar na loja.
- Elas querían facer un calendario. → Elis querían facer un calendario.

### **Sistema *ile***

O *Atlas Lingüístico Galego* (1995: 180) recolhe a forma *ile*, que provém do *illud* latino, na norma isolacionista como a utilizada para o pronome masculino na região da Baixa Límia, prova da sua vitalidade local e do seu vínculo com tradições pronominais específicas que sobreviveram de maneira residual em áreas da Galiza. Esta realidade linguística tem consequências significativas para o debate contemporâneo sobre pronomes não binários. O facto de *ile* estar já consolidado como forma masculina em determinados contextos implica que a sua reutilização acabe por gerar sobreposição das funções e, inevitavelmente, confusões semânticas.

Por isso, é fundamental criar formas pronominais novas, pensadas exclusivamente para o género não binário, em vez de aproveitar pronomes do masculino. O desenvolvimento de formas originais permite que a língua reconheça identidades diversas de maneira clara e respeitosa, sem interferir nas tradições já estabelecidas de outros géneros. Além disso, novas formas podem gerar-se de maneira própria, criando vínculos sociais e culturais específicos, reforçando a visibilidade e o respeito pelas pessoas enebê.

☞ Exemplos de uso:

- Ela chegou cedo à reunião e esperou por todo o mundo.  
→ Ile chegou cedo à reunião e esperou por todo o mundo.
- Eles entenderon mal o enunciado. → Iles entenderon mal o enunciado.

### **Sistema *ilu***

O chamado «sistema *ilu*» é uma proposta da língua galego-portuguesa que tem como base de inspiração o pronome neutro latino *illud*, do qual herda a estrutura com a intenção de construir uma forma gramatical não marcada pelo género binário. Esta proposta parte do princípio de substituir as vogais finais tradicionalmente marcadoras de género (-a/-o) nos pronomes, criando assim uma alternativa formal que se mantém próxima das estruturas binárias já existentes, o que facilita a sua integração e o seu reconhecimento dentro do sistema linguístico.

Um dos pontos fortes desta solução é precisamente o facto de não se registarem coincidências de uso na Galiza com outros pronomes. Ao contrário de *ile*, por exemplo, que ainda apresenta traços de vitalidade local como pronome masculino em determinadas zonas, a forma *ilu* carece de valores já estabelecidos, o que elimina potenciais ambiguidades semânticas.

☞ Exemplos de uso:

- Ela ficou feliz ao receber a visita inesperada. → Ilu ficou feliz ao receber a visita inesperada.
- Eles prepararon o xantar e puxeron a mesa. → Ilus prepararon o xantar e puxeron a mesa.

## Sistema *elu*

Com base nas limitações e na receção social dos diferentes sistemas apresentados, foi desenvolvido posteriormente o que maior êxito teve em galego-português, o denominado «sistema *elu*», cuja primeira menção se recolhe em 2019 no guia de Ophelia Cassiano, apresentado mais adiante. Este surge na variedade brasileira e representa uma mudança no processo de construção de neopronomes no âmbito galego. Nos últimos anos, tem alcançado maior uso na Galiza, tornando-se uma das propostas mais bem-sucedidas e utilizadas nos debates sobre diversidade de género na linguagem. A base deste sistema consiste na incorporação de uma terceira desinência com marca de género e no desenvolvimento dos neopronomes correspondentes — ainda que não são o mais importante dentro da LNB, é relevante focarmo-nos nisto —; graças a este sistema, as pessoas enebê são incluídas, de jeito explícito, na língua. Será trabalho das diferentes instituições de referência para as línguas acolherem esta proposta para romperem com a binariedade de género na gramática e que a língua seja acorde à sua sociedade (López e Míguez, 2024: 280).

Uma das principais limitações deste sistema para a sua plena integração e aplicação no galego é a ausência de um paradigma consolidado que permita o uso transversal e funcional da LNB. Para preencher esta lacuna, é investigadore Ophelia Cassiano elaborou o *Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR)* (2023 [2019]), em que se detalham com rigor os usos e as estruturas do sistema *elu*, ainda que exclusivamente no âmbito do português do Brasil. Embora as três variantes façam parte do mesmo diassistema linguístico, o que facilita a transferência de propostas, seria desejável proceder a uma adaptação específica à realidade linguística galega, de modo a assegurar a sua eficácia e adequação sociolinguísticas.

Este é o objetivo das seguintes páginas, que elaboram o paradigma completo e detalhado do sistema *elu* em forma de tabela. Colocaremos as propostas de cada categoria gramatical na sua versão em galego reintegrado — tanto de máximos como de mínimos, caso a grafia seja diferente — e em galego isolacionista, em cor cinzenta na cela. Além disso, incluímos exemplos de uso de cada forma que pode gerar conflito e um exercício para praticares o emprego dos neopronomes, também nas duas normativas ortográficas, cujas soluções se encontram no anexo.

## 2.1. Paradigma pronominal

### ☞ PRONOME PESSOAL TÔNICO E ÁTONO

Pronome pessoal tónico	Formas simples			
	Masculino	Feminino	Não binário	
	<i>ele</i>	<i>ela</i>	<i>elu</i>	
	<i>el</i>	<i>ela</i>	<i>elu</i>	
	<i>nosoutros</i>	<i>nosoutras</i>	<i>nosoutres</i>	
	<i>vosoutros</i>	<i>vosoutras</i>	<i>vosoutres</i>	
	<i>eles</i>	<i>elas</i>	<i>elus</i>	
	Contrações e aglutinações			
	Preposições	Masculino	Feminino	Não binário
	DE +	<i>dele(s)</i>	<i>dela(s)</i>	<i>delu(s)</i>
EM +	<i>nele(s)</i>	<i>nela(s)</i>	<i>nelu(s)</i>	

Pronome pessoal átono	Formas simples		
	Pronomes CD		
	Masculino	Feminino	Não binário
	<i>o(s), lo(s), no(s)</i>	<i>a(s), la(s), na(s)</i>	<i>ê - es, le(s), ne(s)</i>
	<i>o(s), lo(s), no(s)</i>	<i>a(s), la(s), na(s)</i>	<i>e(s), le(s), ne(s)</i>

Os pronomes pessoais tónicos são os mais presentes no discurso, por apelarem diretamente à identidade das pessoas, já que transmitem informação sobre o ser designado: *elu(s)*, *nosoutres*, *vosoutres*. Quanto à grafia do pronome que dá nome ao sistema, o debate sobre se vai ou não com acento leva anos aberto. Nós propomos modificar a norma que assinala que as palavras acabadas em *-u* são agudas. Assim, o neopronome terá duas pronúncias válidas, com *e* aberto ou fechado, o que vai facilitar a transição das pessoas ao falarem.